



MEMORIA

Revista do Instituto Católico de Viana do Castelo
N.º 12, 2005

DIRECTOR

D. José Augusto Martins Fernandes Pedreira
Bispo de Viana do Castelo
Presidente do Instituto Católico de Viana do Castelo

DIRECTOR EXECUTIVO

Alfredo Domingues de Sousa, Director da ESTCH, do ICVC

EQUIPA REDACTORIAL

Alberto Antunes Abreu
José Mesquita Rodrigues de Matos
António Paulo Silva Gomes

CORRESPONDÊNCIA

Instituto Católico de Viana do Castelo
Rua da Bandeira, 117 / 131
4900-560 VIANA DO CASTELO
Telef./Fax 258823263

SECRETARIA

Clara Cristina Borlido Felgueiras

MEMORIA

REVISTA DO INSTITUTO CATÓLICO DE VIANA DO CASTELO

N.º 12

**Viana do Castelo
2005**

FICHA TÉCNICA

Título: MEMORIA

Nº de Série: 12

Editor: Instituto Católico de Viana do Castelo

Data e local de edição: Viana do Castelo, 2005 Outubro 14

Capa de: António Paulo Gomes

Tiragem: 500 exs.

Composto e impresso: Viúva de José de Sousa, Filhos, L.da

Depósito Legal: 73183 / 93

ISSN: 0872 - 8097

MEMORIA. Viana do Castelo, 2005

Memoria / dir. Armindo Lopes Coelho. Viana do Castelo:

Instituto Católico, 1994 - . - 1, 1994

Periodicidade anual. A partir do Vol. 5 a dir. é de José Augusto Pedreira.

ISSN 0872 - 8097

dir.

CDU 05: 2



SUMÁRIO

Editorial

D. José Augusto Martins Fernandes Pedreira 7

ESTUDOS

- . **Escutar para anunciar a Palavra de Deus**
Jorge Alves Barbosa 11
- . **O Culto a Nossa Senhora em Viana do Castelo**
Alberto Antunes de Abreu 41
- . **Eucaristia - Fonte de Vida e Missão**
João Duque 119
- . **O sentido do sofrimento humano**
António Couto 135
- . **Anunciar o Evangelho em País de Missão**
Artindo Ribeiro da Cunha 151

XIV SEMANA DE ESTUDOS TEOLÓGICOS

Pessoa Humana - primeiro e fundamental caminho da Igreja no Mundo

- . **Abertura**
Alfredo Domingues de Sousa 169
- . **A pessoa e a família no mundo do trabalho**
Paulo Abreu 173
- . **Do crescimento económico ao desenvolvimento humano sustentável**
Manuela Silva 195
- . **A dignidade da Pessoa Humana na Sagrada Escritura**
António Couto 205
- . **Direitos Humanos e Evangelização**
Isabel Varanda 217

ANUNCIAR O EVANGELHO EM PAÍSES DE MISSÃO*

ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA**

Dizia o Papa João Paulo II em 1990, na encíclica *Redemptoris Missio*, que, hoje em dia, é fundamental perceber que a evangelização tem muito a ver com as diversas circunstâncias dos lugares onde ela se exerce. Distinguia, por isso, “três situações distintas:

Antes de mais, ... [a dos] povos, grupos humanos e contextos sócio-culturais onde Cristo e o seu Evangelho não é conhecido, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poderem incarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos. (...).

Aparecem depois as comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais, são fermento de fé e de vida, irradiando o testemunho do Evangelho no seu ambiente, e sentindo o compromisso da missão universal. Nela se desenvolve a actividade ou cuidado pastoral da Igreja.

Finalmente, existe a situação intermédia, especialmente nos países de antiga tradição cristã..., onde grupos inteiros de baptizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo uma vida cristã distante de Cristo e do seu Evangelho [em que], torna-se necessária uma ‘nova evangelização’ ou re-evangelização” (nº 33).

Em Portugal, estamos claramente nesta terceira situação. De facto, como reconheciam os nossos bispos em documento do passado mês de Junho¹, entre nós como praticamente em todo o primeiro Mundo,

* Conferência proferida em 3 de Novembro de 2005

** Doutor em Teologia Pastoral da Faculdade de Teologia do Porto da U.C.P.

¹ Conferência Episcopal Portuguesa - “*Para que acreditem e tenham a vida*”, *Orientações para a catequese actual*, 23 de Junho de 2005.

«Durante séculos, num contexto de cristandade, a comunicação da fé passava quase espontaneamente de pais para filhos. O cristianismo fazia parte do património moral e cultural que se recebia da família e do ambiente. Hoje, porém, a transmissão da fé encontra dificuldades tanto por parte das crianças e adolescentes como dos jovens e adultos. De facto, das crianças e adolescentes que frequentam a catequese muitos não adquirem o sentido da presença e da amizade de Deus e de Jesus Cristo. Por isso, não assimilam nem o hábito nem o gosto pela oração ou pela Eucaristia. Falta-lhes em geral uma relação vivida com Deus e uma leitura da vida humana à luz dessa relação. Também entre os adultos, afastados ou descrentes, parece mais difícil a transmissão da fé. (...).

As dificuldades crescentes na adesão ao Evangelho estão certamente relacionadas com as profundas transformações sócio-culturais que caracterizam um mundo novo. O modelo tradicional da comunicação da fé foi posto em causa... (...)

Quebrou-se o pacto de comunicação entre as gerações que vivem em universos culturais diferentes mesmo dentro da própria família e que se repercute ao nível da fé. Assiste-se à perda da memória cristã e ao alastrar do analfabetismo religioso. (...)

Assim ficou debilitada a transmissão da fé que tinha os canais próprios na família e nos diversos lugares onde se manifestava a tradição cristã. O ambiente social e cultural já não serve de suporte à fé. Esta é cada vez mais fruto de uma escolha pessoal. (...)

Esta situação precisa de ser consciencializada e reflectida por todos nós. Estaremos a formar discípulos de Cristo se, após dez anos de catequese, não estão esclarecidos sobre os elementos fundamentais do cristianismo, não têm contacto habitual com a fonte da vida que é a Eucaristia, não mostram prática da oração nem necessidade de escutar a Palavra da vida? Que factores devemos ter em conta na catequese para que se realize verdadeiramente a transmissão da fé?»².

O que digo a seguir tem, portanto, a ver com um país de grande tradição cristã mas de facto a necessitar de uma “acção sistemática de grande envergadura no sentido de proporcionar a todos uma verdadeira iniciação cristã”, como diziam também os nossos bispos já em 1993.

² *Ibidem*, 2a e 1a.

1. Porquê re-evangelizar?

No dia do Pentecostes, “estavam todos assombrados e, sem saber o que pensar, perguntavam uns aos outros: ‘Que significa isto?’” (Act 1,12). Foi então que Pedro se dirigiu à multidão. Terminado o seu discurso e “ouvindo aquelas palavras, [os judeus piedosos provenientes de todas as nações que há debaixo da terra] ficaram emocionados até ao fundo do coração e perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos. ‘Que havemos de fazer, Irmãos?’ ... Os que aceitaram a sua palavra receberam o baptismo” (Act 2, 37 e 41).

Está aqui bem patente o processo dinâmico da missão: algo aconteceu, um primeiro anúncio, o de Pedro, a recepção “até ao fundo do coração” (1,37), antecâmara da conversão, e finalmente a celebração da fé com o Baptismo.

Este é o processo da Boa Nova, ontem como hoje, já presente em todo o Novo Testamento, com maior ou menor fidelidade. Em todo ele, a conversão e a profissão de fé são sempre essenciais.

A necessidade da conversão está logo no kerigma inicial: “Convertei-vos e acreditai na Boa Nova” (Mc 1,15). Da profissão de fé temos variadíssimos testemunhos: no cego de nascença (“Eu creio, Senhor”, Jo 9,38), em Simão da Samaria (“acreditou... e foi baptizado”, Act 8,13), no ministro da rainha de Candace (“Creio que Jesus é o Filho de Deus”, Act 8,37); na Lídia, de Filipos, “o Senhor abriu-lhe o coração ... e [foi] baptizada”, Act 18,14-15), etc.

O próprio Paulo se viu envolvido num processo desta ordem: anteriormente convencido da sua verdade, perante o que lhe aconteceu, não fugiu à questão: “Quem és tu, Senhor?”. Mas mesmo depois de lhe terem caído dos olhos “uma espécie de escamas” e ter recuperado a vista, o seu processo não estava ainda terminado tanto que continuou em casa de Ananias, na companhia dos mais discípulos de Damasco (Act 9.1-19).

O mesmo Paulo explicaria depois este processo da evangelização a que ele próprio se sujeitou: “Fides ex auditu”, escrevia ele aos romanos (Rom 10,17). E aos coríntios afirmava que “Anunciar o Evangelho não é para mim um motivo de glória, antes uma obrigação que me foi imposta. Ai de mim se não anunciar!” (1 Cor 9,16). E de novo aos romanos: mas “Como hão-de acreditar naquele de quem não ouviram falar? E como hão-de ouvir falar [dele] se ninguém lho anunciar?” (Rom 10,14).

Na Igreja primeira e durante os primeiros séculos, primeiro anunciava-se, depois baptizava-se. Por isso e para isso nasceu o catecumenado (“Depois de terdes ensinado..., baptizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, Didaché VII). Mas tudo isto vinha já dos tempos apostólicos: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for baptizado será salvo” (Mc 16,15).

Sabemos como este esquema pastoral inicial se alterou progressivamente. Rapidamente se passou a baptizar primeiro para evangelizar a seguir. E rapidamente também se passou a baptizar pura e simplesmente, sem mais. Não vou aqui recordar esta história mas, como estou em Viana do Castelo, relembro como Frei Bartolomeu dos Mártires causticava a este propósito duramente o seu tempo e a sua Arquidiocese:

“Não é minha tenção, agora, lamentar quão mal os pastores, nestes tristes tempos, cumprem esta obrigação [da pregação], porque não ordenei este tratado pera remediar ou ensinar os pastores, mas sòmente pera, em algu[m]a maneira, socorrer ao desemparo das ovelhas. Basta dizer u[m]a palavra: *scilicet*, que, quanto ao pasto das orações, que é o mais oculto, eles e Deus vêem quão frios e negligentes são nisso. (...) Nem eu pretendo que eles se ponham a tratar cousas altas, e matérias que não entendam; [bastam] u[m]as doutrinas morais, trazendo-lhe à memória a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, exortando-os ao amor das virtudes e ódio dos pecados, ao temor da morte, do juízo, do inferno e à esperança do paraíso. Nas quais cousas, quanto basta pera o povo, sabe bem falar todo sacerdote que bem sabe viver”³.

Recordei no início parte do diagnóstico feito pelos bispos portugueses no início do Verão passado sobre o avanço da des-evangelização em Portugal. Que não é de agora. Por isso, já em 1983 eles diziam assim. “Urge desencadear uma acção sistemática de grande envergadura no sentido de proporcionar a todos uma verdadeira iniciação cristã inspirada na pedagogia catecumenal da fé”⁴.

Voltariam à carga os Bispos em 1994, insistindo na necessidade de uma “formação sistemática prolongada por um

período de tempo suficiente para assimilar os elementos essenciais da fé cristã e atenta igualmente à conversão pessoal, ao crescimento nas várias dimensões da fé e à integração numa comunidade cristã”, e afirmando também que “os adultos são os principais destinatários da catequese”, que “a fé tem de corresponder a uma tomada de posição pessoal, fruto de uma evangelização autêntica e de uma sólida formação”, e mais ainda que “é a partir da formação cristã dos adultos que podemos encontrar a base para uma educação da fé dos mais novos”⁵.

Aqui, o Episcopado português batia no centro da questão: há muito que a Igreja portuguesa não fazia, não sabia fazer e não precisava de fazer cristãos; dantes, os cristãos portugueses nasciam cristãos, mas agora não, é preciso fazê-los. O Episcopado terá alertado; mas, na minha opinião, fez pouco para se passar à acção.

É preciso “pastoralmente mudar”, dizia em 1973 o meu Bispo Ferreira Gomes. Mais do que continuar a sacramentalizar, exclusivamente e sem grande critério, é preciso evangelizar. Baptizar e casar é um costume muitas vezes sem sentido, a eucaristia dominical deixou de ser referência essencial para a grande maioria dos católicos portugueses, o sacramento da penitência não se celebra hoje pura e simplesmente, a catequese de infância não faz cristãos, os jovens (entre os 17/18 e os 45/50) abandonam a Igreja,

É preciso pastoralmente mudar; urge nos voltemos para a evangelização, até porque só a formação cristã dos adultos garantirá a renovação pastoral das comunidades⁶. Esta formação cristã dos adultos “não se tornou ainda uma actividade habitual nas paróquias, não conta com uma tradição arreigada ... mas é uma das actividades mais fecundas para a renovação pastoral das comunidades”⁷.

2. Dois lugares importantes de evangelização

Há muitas maneiras de evangelizar, de anunciar a Boa Nova de Jesus nos dias de hoje, que é o que quer dizer a palavra evangelizar. Durante séculos, esta palavra *evangelizar* referiu-se apenas ao contexto das missões *ad gentes*. Hoje, evangelizar é aqui,

³ MÁRTIRES, D. Fr. Bartolomeu dos - *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*, (Proémio), Fátima: edição do Movimento Bartolomeano, 1962, pp. 3 e 6.

⁴ *Mensagem dos Bispos [Portugueses]*, 1983, nº 21.

⁵ *A formação cristã de base dos adultos*, 1994, pp. 16, 13 e 10.

⁶ *A formação cristã de base dos adultos*, 1994, p. 26.
Ibid., pp. 26-27.

neste nosso *cristianíssimo* Portugal tornado país de missão. Muitos dos nossos contemporâneos não sabem quem foi Jesus, desconhecem em absoluto a sua Boa Notícia, não sabem o Pai nosso, todos os anos me chegam à Catequese crianças que nunca entraram nem sabem para que serve uma igreja. Hoje é preciso anunciar como se fazia nos primeiro ou segundo séculos. E muitos dos que frequentam as nossas igrejas não sabem em quem acreditam, sabem em que acreditam, é preciso anunciar-lho, começar tudo desde o princípio. Hoje, em Portugal, “o meu Povo morre por falta de instrução!” (Os 4,6). Dizer que se acredita é um hábito, uma tinta cultural, mas faltam-nos cristãos convertidos, gente que optou pelo Evangelho e seus valores como norma de vida.

Como levar a cabo esta evangelização *ab imo*?

Queria falar um pouco de duas formas claras de evangelização, a homilia e a formação cristã de adultos.

a. A homilia

Em Portugal, ninguém como a Igreja católica consegue reunir periodicamente tanta gente: nem os partidos políticos, nem os sindicatos, seja o que for. As massas do futebol são de outra ordem. A Igreja Católica reúne semanalmente muita gente na celebração dominical e dirige-lhe a palavra: é a homilia.

A homilia tem uma funda tradição nas Igrejas cristãs. Com toda a frequência lemos no Breviário homilias de Santo Agostinho, do Papa Leão Magno, de S. Jerónimo, de S. João Crisóstomo, de tantos mais. Perdeu-se depois na Igreja romana a tradição da homilia: já Frei Bartolomeu dos Mártires, preocupado com o facto, resolveu escrever um homiliário simples que os seus padres, dispersos pela então descomunal Diocese de Braga, pudessem utilizar nas suas paróquias. Mas o seu esforço não deu frutos. Foi o Vaticano II que a recuperou, dizendo-a “a exposição dos mistérios da fé e das normas da vida cristã no decurso do ano litúrgico e a partir do texto sagrado” (SC 52). Disse mais o Concílio: “que ela não deve omitir-se sem motivo grave, nas festas de domingo e festas de preceito” (SC 52).

Não é fácil fazer uma homilia: uma peça breve, dirigida a um público heterogéneo, que pode arrancar da Palavra para a vida (iluminando-a) ou da vida para a Palavra (à procura da luz). Nós estamos mais habituados ao primeiro método, dedutivo, da Palavra que ilumina a vida, esquecendo o outro, indutivo, da vida para

Palavra, método consagrado no Concílio Vaticano II, nomeadamente na *Gaudium et Spes*. Claro que, para utilizar este segundo, é preciso conhecer a vida por dentro, a vida e os sinais dos tempos, como os Profetas de Israel que sabiam criticar mas também abrir o Povo à esperança.

Antes de mais eu quero deixar claro que a homilia não pode mais ser, tem de deixar de ser, dizer “qualquer coisa”, “o que sair no momento”. A homilia ou se prepara ou não é homilia, com excepção rara de uma inspiração de momento. Sou de opinião que todos nós deveríamos preparar a homilia escrevendo-a: um texto com princípio, meio e fim, com assunto, e nunca uma coisa indeterminada. Um texto que - arrancando das leituras bíblicas da celebração ou da vida vivida - deixe uma mensagem, um ensinamento, desperte um sentimento, arranque um propósito, movimente ou questione a vida, alimente a fé e a vida cristã, seja a do pecador que infringe as leis da justiça e da verdade como as fiscais ou as normas do Código de estrada, seja a de quem se interroga pelo silêncio de Deus perante o mal ou a pobreza no mundo, ou se alegra com uma sinfonia de Beethoven ou com o nascimento de um filho. O escrito pode depois ser lido ou não. Mas a disciplina da escrita obriga a uma disciplina mental.

A homilia não se confunde com um paupérrimo discurso moralista ou condenatório seja do que for. Pode ter a forma de denúncia profética; mas esta não se pode confundir com zurzir nos que têm uma opinião seja sobre que for diferente da nossa.

Não é fácil fazer uma homilia. Por isso é preciso prepará-la. O ano litúrgico, programado dominicalmente em três ciclos, é um programa de pregação que responde às necessidades das igrejas. Preciso é estudá-lo - cada ciclo do ano litúrgico e o conjunto dos três - e não passar por cima dele. Estudá-lo e programar a pregação dominical; depois prepará-la.

Conhecem todos a anedota. Hoje é dia de S. José, dizia o Sr. Padre; S. José era carpinteiro, portanto fazia confessionários. Vamos hoje falar da confissão. Não precisava o Sr. Padre de dar esta volta toda. Precisava era de saber em que domingo do ciclo vinha perfeitamente a jeito, a sugestão da Liturgia, falar do perdão dos pecados.

Lembro-me do Sr. Bispo que foi lá confirmar um grupo de adultos no fim de 4 anos de catecumenado. Pois não é que era

domingo da Ascensão, Dia dos Meios de Comunicação Social e toca de falar dos Meios de Comunicação Social, sem uma palavra que fosse, de alegria, de incentivo às pessoas por causa das quais se deslocava à comunidade?! Pedes-me pão, dou-te um escorpião, diria o Evangelho (Lc 11,12).

A homilia parte das leituras bíblicas, ou, seguindo a metodologia do Vaticano II, das “alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos homens de hoje”, também das dos cristãos que são, eles também, homens de hoje. Jornal numa mão, bíblia na outra! Se um acontecimento funesto qualquer se abateu sobre a nação ou sobre a aldeia, se uma profunda alegria exaltou os corações, como pode a palavra do Pároco – passe aqui, ao menos de improviso – esquecer o que tem de ser celebrado?

Mas penso também que a homilia pode ainda desempenhar um outro papel no actual contexto português. É verdade que, por força de muitas razões, as comunidades não dispõem hoje de tempos e lugares normais de catequese. E como vamos abordar questões que necessitam de uma catequese sistemática, longa, mas inadiável. Eu dou exemplos. A doutrina social da Igreja?: quando fazemos – lá na paróquia - uma iniciação simples mas sistemática à doutrina social da Igreja? Digo o mesmo, por exemplo, da difícil questão da Escatologia a necessitar urgentemente de uma catequização sistemática que tenha em conta os novos dados da Antropologia, da Psicologia e da própria Teologia?

Nestes casos, eu penso que é verdadeiramente legítimo e possível aproveitar o momento da homilia para uma catequese sistemática⁸.

Seja como for, a homilia deve ser sempre breve e simples. As nossas celebrações acusam normalmente um enorme desequilíbrio entre palavra e símbolo. Blá, blá blá, leituras, monições, avisos, o cânon, a homilia, mais avisos, blá, blá, blá, mas muito pouca riqueza simbólica de gestos, de ritos, de símbolos, perdemos as atitudes (de pé, de joelhos, sentados, inclinados), perdemos os ritos simbólicos (o pão já não se parte, já vai partido, e, no entanto, à missa já se chamou Fracção do Pão: porquê?), a celebração

⁸ Acabo de ver na imprensa (25 de Outubro) que, entre as sugestões apresentadas ao papa no final do Sínodo sobre a Eucaristia, estava a de “homilias temáticas” para ensinar aos fiéis os “grandes temas da fé cristã” (*Público* da data citada, p. 21).

eucarística não envolve as pessoas, é uma “grande seca”, não exterioriza sentimentos nem de dor nem de alegria, é asséptica. No meio disto, uma homilia que nunca mais acaba e, para cúmulo, não transmite nada de jeito, é um verdadeiro contra-senso. Já diz o povo que “quem muito fala pouco acerta”.

Deixem-me, a acabar, ler a afirmação de uma professora da Universidade do Minho:

“Se não tivesse de aguentar más homilias ... talvez ainda conseguisse permanecer católica ou semi-católica durante uns tempos. Mas como aguentar tudo isto?”⁹.

b. O Catecumenado de adultos

Quando, há mais de 30 anos, me vi primeiro responsável por um trabalho pastoral concreto num território concreto já tinha começado a perceber que a evangelização, a formação dos cristãos, era a prioridade pastoral. Mas não sabia por onde começar. O lugar era sociologicamente novo, povoado maioritariamente por emigrados da província para a periferia do Porto, gente desenraizada de suas aldeias e culturas de origem e ainda não integrada no lugar onde passara a habitar, pessoas e famílias fechadas sobre si mesmas, sem relações, que tinham perdido inclusive as suas ligações à Igreja e à celebração da fé. Por onde começar? Não conto a história toda mas a verdade é que rapidamente percebi que o domingo, a celebração do domingo, a Liturgia dominical, podia ser a ponta de meada. E assim me decidi, apesar da pequena assembleia, a cuidar da Liturgia dominical o melhor que podia e sabia. Nomeadamente duas coisas: a riqueza e qualidade simbólica e o discurso da fé (concretamente a homilia).

E por aqui comecei: uma pregação directa e simples, que – pretendia eu – deixasse perguntas e levantasse questões. Claro que as pessoas manifestaram-se, a favor e contra. Mas daí surgiu o pedido: fale-nos então de Jesus! Pouco depois, nascia uma iniciativa que, quando dei por ela, era catecumenado de adultos, que funciona

⁹ SANTOS, Laura Ferreira dos - *Diário de uma mulher católica a caminho da descrença - I*, Lisboa: AngelusNovus, 2003, p. 81. É verdade que a afirmação, mais ampla, diz assim: “Se não tivesse de aguentar más homilias, más cânticos, templos esteticamente intragáveis e um clero entre o infantil, a falta de qualidade intelectual e a falta de compaixão, além de marcadamente patriarcal, talvez ainda conseguisse permanecer católica ou semi-católica durante uns tempos. Mas como aguentar tudo isto?”.

ainda, vão lá quase 30 anos. Por ele passaram já cerca de 200 pessoas, o que, numa assembleia de 350 constantes, é notável. Podem dizer e julgar que é pouco. E é. Este é um trabalho difícil, de teimar, duro, cujas consequências se vêem só ao fim de muito tempo. O próprio Jesus cuidou particularmente de 12, que previamente escolheu, e ao fim de três anos ainda perdeu um!

Como dizem os bispos portugueses e eu sei não apenas teoricamente, “a educação cristã dos adultos é uma das actividades mais fecundas para a renovação pastoral das comunidades. [...] A Igreja, chamada a iluminar e transformar o mundo com a luz do Evangelho, tem de ser uma Igreja de cristãos adultos, idóneos para darem as razões da sua esperança perante o mundo. É a formação cristã de base que prepara cristãos responsáveis, capazes de abrir caminhos e exercer novos ministérios numa Igreja toda ela evangelizadora”¹⁰.

“Por isso, a formação cristã é, entre nós, das mais urgentes prioridades pastorais” - diziam ainda os nossos bispos num outro documento de 1989¹¹.

Que é isso de formação cristã de adultos? Como se faz? Em que consiste? É simples catequese?

Diga-se antes de mais que a formação cristã de adultos é “uma iniciação cristã inspirada na pedagogia catecumenal da fé”¹², - ou “uma formação sistemática prolongada por um período de tempo suficiente para assimilar os elementos essenciais da fé cristã e atenta igualmente à conversão pessoal, ao crescimento nas várias dimensões da fé e à integração na comunidade eclesial”¹³.

Porque falta a esta afirmação uma referência explícita ao ensino da oração - de resto presente nos Preliminares (19.2) do RICA - e que eu acho fundamental leio esta outra de um documento semelhante dos Bispos espanhóis: “O catecúmeno receberá uma catequese que o introduzirá no conhecimento do mistério da salvação, na prática da vida cristã o no exercício da caridade, na oração e na celebração litúrgica, e no testemunho de vida”¹⁴.

¹⁰ *A formação cristã dos adultos*, 1994, p. 286.

¹¹ *Os cristãos leigos na comunhão e missão da Igreja em Portugal*, 1989, nº 22.

¹² *Mensagem dos Bispos [Portugueses]*, 1983, nº 21.

¹³ Conferência Episcopal Portuguesa - *A formação cristã de base dos Adultos*, 1994, p. 16.

¹⁴ Conferência Episcopal Española - *Orientaciones Pastorales para el Catecumenado*, 2002, nº 14.

Tudo isto exige dos presbíteros grandes alterações no seu estilo pessoal de vida e na sua postura pastoral. De sacramentadores temos de passar a evangelizadores, de ministros do altar a ensinadores da fé. Para tal são necessários estudo, reflexão e acompanhamento (discipulado) dos que se apresentem a este caminho catecumenal.

Porque é de catecumenado que se trata (de catêceo = ensinar). Este instrumento pastoral nasceu nos tempos do cristianismo primitivo. Eram sobretudo adultos os que chegavam à fé vindos do paganismo. Quando pediam o Baptismo à Igreja, esta recebia-os e, durante o tempo julgado bastante, ministrava-lhes a instrução necessária para poderem - duas coisas - converter-se e chegar à proclamação e celebração da fé.

Esta verdadeira escola processava-se com os catecúmenos já admitidos na comunidade. Não se tratava, porém, de uma simples formação catequética, ou seja, não aprendiam apenas a racionalidade da fé, o catecismo. Isso era importante. Mas não era o mais importante. Porque a fé não é só racionalidade. Se o fosse, os muitos inteligentes teriam sempre muita fé.

Mais importante que a racionalidade da fé, era a aprendizagem da vida cristã (os valores e a moral cristãos), a aprendizagem da oração (muito importante) e a introdução progressiva na vida da Igreja concretizada na comunidade de referência (em relações e disponibilidade para os ministérios) e, depois, na assunção da sua vocação laical.

Só depois do tempo necessário para toda esta aprendizagem e depois de votada pela comunidade a capacidade de cada um dos catecúmenos poder ser então baptizado é que, na Vigília Pascal, os catecúmenos entravam definitivamente na plenitude de vida eclesial. Até aí, faziam parte do Ordo Cathecumenorum e só podiam estar presentes à Liturgia da Palavra que antecede a Liturgia eucarística (Missa dos Catecúmenos, assim se chamava antigamente), sendo despedidos da assembleia uma vez aquela terminada.

Esta prática perdeu-se a partir do séc. V/VI, quando a Igreja se viu invadida pelas massas populares ao jeito do “baptize-se primeiro e catequize-se depois”.

Voltou a falar-se de catecumenado na época dos “novos mundos dados ao mundo”, mas foi sol de pouca dura. A questão ressurgiu no entanto nos anos 40 do séc. passado, depois do soco

dado no estômago por dois padres franceses (Henri Godin e Yves Daniel) à Igreja do seu tempo com um livro por eles assinado que ficou célebre e em que afirmaram que a França, a cristianíssima França, era já então “un pays de mission” e que, portanto, era necessário retomar o velho instrumento pastoral do catecumenado.

Esta urgência mereceria o único Ritual verdadeiramente novo saído no pós-Vaticano II, o *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos*, publicado em 1972.

Nele se admitem três tipos de catecumenado:

- o daqueles adultos que, “escutado o anúncio do mistério de Cristo, movidos pelo Espírito Santo que lhes abre o coração, consciente e livremente buscam o Deus vivo e tomam o caminho da fé e da conversão” (Rica, 1);

- o dos adultos que, “baptizados em criança, não receberam depois catequese nem, por consequência, foram admitidas à Confirmação e à Eucaristia” (Rica, 295);

- e o das “crianças que, não tendo sido baptizadas na infância e tendo atingido a idade da discipulação e da catequese, se apresentam para receber a iniciação cristã, trazidas pelos pais ou pelos responsáveis da educação, ou vindos espontaneamente com a permissão daqueles” (Rica, 306).

Resumindo, numa citação dos nossos bispos, de novo em 1983: “A iniciação cristã não se confina a uma catequese, sobretudo se esta é concebida como transmissão de noções religiosas. Inclui a introdução experimental no contacto frutuoso com a palavra de Deus, na prática da oração, no exercício das virtudes cristãs, especialmente da fé, da esperança e da caridade, na participação na liturgia, no apostolado. A iniciação cristã é feita em contexto eclesial, portanto comunitário, com a participação activa de cristãos educadores da fé e de uma comunidade de fiéis, que acompanham os que estão a caminho da maturidade cristã no seu itinerário espiritual e os integram eclesialmente”¹⁵.

O mal do cristianismo português é que, regra geral, tem uma base apenas sociológica. É-se cristão como se fala português - repito. Os nossos cristãos, regra geral, nunca se converteram a nada, nunca fizeram uma opção religiosa, e tudo a par de absoluta falta de instrução religiosa.

Para tal “não bastam palestras ocasionais ou cursos improvisados. Não é suficiente pôr remendo novo em pano velho. Torna-se necessária uma proposta programada, com itinerário de formação sistemática, com conteúdos e estilo determinados”¹⁶.

Penso que é isto que a Igreja portuguesa precisa urgentemente de fazer, pois que Portugal é já um país de missão.

Conclusão

Quando Paulo se lançou na sua acção missionária ao perto e ao longe, começou por se dirigir aos judeus que ele procurava nas Sinagogas do mundo grego: foi assim em Salamina (Act 13, 5), em Antioquia da Pisídia (Act 13,14), em Icónio (Act 13,14), em Tessalónica (Act 17,1-2), em Bereia (Act 17,10), em Atenas (Act 17,17), em Corinto (Act 18,4) e em Éfeso (Act 18,19). Mas quase sempre foi rejeitado pelos mesmos judeus que o recebiam mal e lhe armavam estrangeirinhas. Várias vezes teve de fugir (13,51; 14,6; 14,19) e em Filipos chegou a estar preso (16,19-40). E por duas vezes teve de mudar de estratégia: “Era primeiramente a vós que a Palavra de Deus devia ser anunciada. Visto que a repelis e vós próprios vos julgais indignos da vida eterna, vou-me voltar para os pagãos” - resolveu em Antioquia (Act 13,46) como mais tarde em Corinto (Act 18,6). Ele próprio haveria de escutar “durante a noite ... numa visão” (Act 16,9) o estranho apelo de um macedónio: “Passa à Macedónia [província romana, logo pagã] e vem ajudar-nos” (Act 16,9). Mas haveria de testemunhar também que “as igrejas [dos judeus da Diáspora] eram confirmadas na fé e cresciam em número de dia para dia” (Act 16,5).

Mas já tudo isto se tinha já passado com outros:

“Os que se tinham dispersado devido à perseguição desencadeada por causa de Estêvão, foram até à Fenícia, a Chipre e Antioquia, mas não anunciavam senão aos judeus. Outros, porém, chegando a Antioquia, falaram também aos gregos, anunciando-lhes a Boa Nova do Senhor Jesus” (Act 11,19-20).

Já Filipe se tinha dirigido a “anunciar a palavra da Boa Nova à pagã Samaria” (Act 8,4) e tinha baptizado o pagão “alto funcionário da rainha de Candace, da Etiópia” (Act 8,27); e já Pedro tinha percebido, depois do que lhe aconteceu em casa do pagão Cornélio,

¹⁵ *Mensagem dos Bispos [Portugueses]*, 1983, nº 38.

¹⁶ *A formação cristã de base dos adultos*, 1994, p. 12.a

centurião da corte itálica”, logo pagão, que “Deus não faz acepção de pessoas pois que, em qualquer povo, lhe é agradável quem o leva a sério e põe em prática a justiça” (Act 10,34).

Com tudo isto, Paulo poderá mesmo dizer que “aprouve a Deus - que me escolheu desde o seio de minha mãe e chamou pela sua graça - revelar o seu Filho através de mim, anunciando o seu Evangelho entre os gentios” (Gal 1,16). Nada de novo, afinal, que Pedro não tivesse já afirmado na manhã de Pentecostes: “na verdade, a promessa de Deus é para vós e para os vossos filhos”, judeus portanto, mas é-o também “para todos os que estão longe, para todos os que o Senhor, nosso Deus, quiser chamar” (Act 2,39).

Falei-vos um pouco de dois instrumentos pastorais (homilia e catecumenado) destinados fundamentalmente aos que estão perto, dois instrumentos pastorais que fazem parte da nossa melhor tradição e que podemos utilizar com os que ainda nos procuram.

Mas é preciso também, hoje com o ontem, não esquecer “todos os que estão longe”. É pouco ficar à espera apenas dos que vêm ter connosco. É preciso saltar para o campo dos que não são capazes de dar o primeiro passo. Estou convencido de que evangelizando apenas os que vêm até nós, não renovamos a Igreja em Portugal. Temos de ir à procura dos outros que, quantas vezes, são os melhores até porque são os que mais procuram. De resto, temos de nos habituar a ler a parábola da ovelha tresmalhada (Mt 18,10-14) ao contrário: com os recuos que a evangelização leva, não é apenas 1 ovelha que anda perdida, são as 99!

Esta evangelização dos pagãos exige também técnicas e métodos específicos. Mas isso tem de ficar para outra vez.

E mesmo depois de terminar, ainda gostaria de ler o essencial de uma notícia veiculada pela agência Ecclesia em 10 de Outubro passado. Diz assim:

“Sentimo-nos chamados à nova evangelização, que não é proclamar um Evangelho novo, diferente do único Evangelho recebido de Jesus Cristo através da Igreja. É sim conhecer mais e melhor o Evangelho de sempre para o podermos anunciar com novo entusiasmo, com novas linguagens e com novos métodos” - refere D. Manuel Felício, bispo da Guarda, numa nota pastoral no início de mais um ano [pastoral].

O programa pastoral na diocese da Guarda para o ano 2005-2006 tem como primeira prioridade a formação na Fé de todos os

cristãos, a começar pelos adultos. “É preciso que todas as nossas comunidades, ao lado de tempos semanais de celebração da Fé, como é o caso das assembleias dominicais, tenham também tempos fortes de formação na mesma Fé, com regularidade semanal, dirigidos principalmente aos adultos”.